

UNICAMP

DEPARTAMENTO DE PÓS GRADUAÇÃO

**A INTEGRAÇÃO SOCIAL DOS ALUNOS EM APAEs DO GRANDE
ABC: DISCURSO E PRÁTICA**

PROFESSOR IVAN TEIXEIRA CARDOSO

2ª Turma do Curso de Especialização em Educação Física Adaptada - 1996

**A INTEGRAÇÃO SOCIAL DOS ALUNOS EM APAES DO GRANDE ABC:
DISCURSO E PRÁTICA**



**Trabalho Monográfico apresentado
ao Departamento de Pós Graduação
da Faculdade de Educação Física da
UNICAMP como requisito parcial a
aprovação no Curso de
Especialização em Educação Física
Adaptada sendo Orientado pelo
Professor Doutorando José Luiz
Rodrigues.**

**Faculdade de Educação Física
Departamento de Pós Graduação
UNICAMP - CAMPINAS**

Agradecimentos

Agradeço à Denise (minha esposa), Daisy e Eduardo (meus cunhados), Professor José David de Sousa e Professor Paulo Henrique dos Santos (meus amigos) e Professor Doutorando José Luiz Rodrigues (meu orientador), que muito colaboraram para tornar realidade esta monografia.

DEDICATÓRIA

Aos meus filhos RODRIGO e DANIEL

À minha esposa DENISE

E aos meus pais THEÓPHILO e MARINA

As pessoas a quem eu mais amo

“A integração não é somente um meio de organizar a Educação e sim um direito humano básico para a criança e o adulto.”

(Revista Integração, UNESCO, p. 8)

ÍNDICE

Resumo.....	1
Introdução.....	2
Cap. I - O Homem e a Sociedade.....	4
1- Grupos Sociais e Sociedade.....	4
2- Processos Sociais.....	6
Cap. II - A Integração Social.....	12
1- A Integração da Pessoa Portadora de Deficiência Mental na Sociedade.....	12
2-O Atendimento da Pessoa Portadora de Deficiência Mental pela Sociedade Brasileira	16
Cap. III - Entrevistas.....	18
1- Apresentação das Entrevistas.....	18
2- Análise das Entrevistas.....	19
Conclusão.....	21
Bibliografia.....	24

Resumo

Através de estudos relacionados as áreas da Sociologia e Educação, procurou-se verificar se o setor de Educação Física das APAEs de Santo André, São Caetano do Sul e Mauá, tinham um discurso coerente com sua prática, quanto ao trabalho de integração de seus alunos. Para tal, foram realizadas entrevistas abertas com profissionais da área de Educação Física destas três Entidades, além de entrevistas com suas coordenadoras técnicas, sendo estas entrevistas analisadas sob a ótica Educacional e Sociológica . O que se verificou analisando-se estas entrevistas, foi incoerência entre discurso e prática por parte dos professores das três instituições.

A INTEGRAÇÃO SOCIAL DOS ALUNOS EM APAES DO GRANDE ABC : DISCURSO E PRÁTICA

INTRODUÇÃO

A nossa preocupação em elaborar este trabalho iniciou-se quando observamos durante vários anos a atuação de Professores de Educação Física dentro de APAEs da Região do Grande ABC; percebemos que o objetivo "Integração dos alunos" é utilizada como "bandeira" por estes Profissionais.

Mas, a concepção filosófica proposta por eles é coerente ao tipo e nível de integração trabalhada durante suas aulas?

Reportando-nos a autores, ligados à área da Educação, verificamos que grande parte dos Professores que trabalham em escolas comuns encontram dificuldades em associar discurso e práticas pedagógicas, como ressalta Saviani in Gadotti, (1.988, p. 22), "O Professor é uma pessoa imbuída do ideário escolanovista, ele é obrigado a trabalhar em condições tradicionais, ao mesmo tempo que sofre, de um lado, a pressão da pedagogia oficial e, de outro, a pressão das análises sócio-estruturais da Educação".

Outra citação relevante à questão vem de Tragtemberg in Saviani (1.991, p.16): "A escola tem um papel ambíguo, enquanto é responsável pela reprodução social, também contesta e critica" . Por fim, Mizukami (1.986, Introdução), conclui dizendo que o Professor no exercício de suas funções, profere um discurso diferente de sua prática. Com os trabalhos destes autores, acima citados, e muitos outros autores que realizaram pesquisas dentro do enfoque da coerência entre discurso e práticas pedagógicas dos Professores do ensino regular, nosso trabalho perderia relevância, não fosse o fato de nossos estudos estarem sendo realizados analisando-se escolas especiais, neste caso, APAEs, que são Instituições escolares, que segundo Bueno (1.993), iniciaram suas atividades em 1.954 e hoje são centenas espalhadas pelo Território Nacional, autônomas no seu funcionamento Administrativo, porém ligadas à Federação Nacional das APAEs que determina as Diretrizes Básicas de ordem filosófica para a formulação de suas finalidades.

Segundo o trecho da Ata de Constituição da APAE de Santo André, extraído da revista comemorativa aos 21 anos de fundação desta Instituição (1.985 p.3), a finalidade da APAE é "... a de promover o bem-estar, a proteção e o ajustamento em geral dos indivíduos excepcionais, onde quer que se encontrem..." e mais a frente, "A APAE é uma escola especializada que visa integrar seus alunos no meio social".

Esta preocupação em "ajustamento em geral dos alunos" e "integração social", faz-se presente nos discursos dos Coordenadores Técnicos e Professores de Educação Física das APAEs do Grande ABC, Entidades estas que são o objeto de estudo desta Monografia, o que torna coerente, pelo menos o pensamento entre estes profissionais, e entre eles e as diretrizes adotadas pelas Instituições acima citadas. Resta-nos agora, saber se o discurso esta sendo colocado em prática pelos Professores de Educação Física e para tal, utilizamos como Metodologia, para esta pesquisa, entrevista aberta junto à Coordenação Técnica e aos Professores de Educação Física. A fundamentação teórica, deste trabalho, se dará através de uma revisão bibliográfica na área Educacional, pelo motivo das APAEs, também, serem Instituições Escolares; e na área Sociológica, pelo fato do termo "integração social" ser objeto de estudo desta área do conhecimento humano.

Capítulo I

O HOMEM E A SOCIEDADE

1. Grupos Sociais e Sociedade

"O Homem é, por natureza, um animal social"
Aristóteles.

Com esta frase dita há centenas de anos atrás, que iniciamos este capítulo, pois ela nos mostra que desde o início da trajetória humana sempre houve uma interdependência entre as pessoas, quer seja, para satisfazer suas necessidades de sobrevivência como a proteção, a alimentação e a reprodução; quer seja, para satisfazer suas necessidades intelectuais e emocionais. Este "estar junto" que pode ser entendido como convívio social é o responsável pela formação e manutenção de Grupos Sociais, que segundo Lakatos (1.990), significa uma coesão entre indivíduos de forma identificável, estruturada, contínua desempenhando papéis recíprocos, segundo determinadas normas, interesses e valores sociais, para a consecução de objetivos comuns e, por sua vez, a reunião de vários grupos interagindo, resulta no que chamamos de Sociedade que tem como principal característica a manutenção de uma Cultura Comum compartilhada entre seus membros, entendida como forma comum e aprendida da vida, que compartilham os membros de uma sociedade, e que consta da totalidade dos instrumentos, técnicas, instituições, atitudes, crenças, motivações e sistemas de valores que o Grupo conhece.

Neste contexto, tanto as pessoas dentro do Grupo, como o Grupo dentro da Sociedade, desenvolvem uma dinâmica de relacionamento capaz de manter a Ordem Social, compreendida como funcionamento sem choques no seio da Sociedade, da ação recíproca de indivíduos, Grupos ou Instituições, e por este motivo compreende valores de eficiência, coerência lógica, moralidade.

Além disso, a Sociedade mantém uma Organização Social formada pelas Instituições Sociais, tais como: Família, Igreja, Empresa, Escola, etc., definida por Fichter in Lakatos (1.990, p. 148), "Como uma estrutura relativamente permanente de padrões, papéis e relações que os indivíduos realizam segundo determinadas formas sancionadas e unificadas, com o objetivo de satisfazer necessidades sociais básicas", e das Associações, tais como: Clubes, Sindicatos, Sociedades Benéficas ou não, etc., ainda segundo o Autor supra citado, tendo como principal característica, serem mais especializadas e menos universais do que as Instituições.

Desta forma, os indivíduos e grupos participando da organização da Sociedade, ocupam posições sociais (Status) com grau de importância variável determinado por meios legais e/ou sociais diferenciando-os em posições, estratos ou camadas, mais ou menos duradouros e hierarquicamente sobrepostos, sendo que, o Status é determinado por fatores extrínsecos às pessoas e variam de acordo com a sociedade que os estabelecem. (Lakatos 1.990)

Existe ainda, a classificação das pessoas em categorias sociais que leva em consideração alguns aspectos semelhantes entre as pessoas, não havendo necessidade de proximidade ou contato mútuo para que as pessoas pertençam a uma categoria social. Temos como exemplos: adolescentes, operários, soldados, analfabetos, deficientes, etc.

Estas categorias sociais tem maior, ou menor importância de acordo com valores existentes na sociedade em que estão inseridos, porém, este valor pode ser diminuído, ou aumentado quando ocorrem estereótipos que são segundo Lakatos, (1.990, p.106) "construções mentais falsas, imagens e idéias de conteúdo alógicas, que estabelecem critérios socialmente falsificados, baseando-se em características não comprovadas e não demonstradas, atribuídas a pessoas, a coisas e a situações sociais, mas que na realidade, não existem".

Assim é, que quando pessoas convivendo dentro de uma sociedade, ocupando posições dentro de Instituições Sociais e dentro de associações, passam a ter um status social que pode ser real ou estereotipado, valorizado ou marginalizado, dependendo para isto, dos valores sociais realçados pela sociedade em que está inserido e o contexto em que se dá o fato.

Desta maneira, a sociedade, através da existência de um equilíbrio dinâmico entre pessoas, grupos e categorias dentro das Instituições e associações, tenta manter por alguns de seus componentes, o "status quo" porém, outros lutam por mudar seus valores, interesses e objetivos. Através deste dualismo filosófico de permanecer ou mudar é que acontece a mobilidade social e cultural que segundo Sorokin, in Lakatos (1.990, p.268), significa "Mobilidade Social: Toda passagem de um indivíduo ou de um grupo de uma posição social para outra, dentro de constelação de grupos e estratos sociais; Mobilidade Cultural: um deslocamento similar de significados, normas, valores ou veículos".

Sendo, pois, dentro deste contexto, em que minorias sociais, definidos como "grupos de pessoas, portadoras de algumas características comuns, não aceitas em igualdade de condições pelos grupos dominantes, mas que porém, tentam alcançar "melhor qualidade de vida", através de um nível maior de Integração Social" Lakatos (1.990), que passamos, no próximo capítulo a compreender melhor como se dá o relacionamento entre as pessoas ou grupos sociais.

2. PROCESSOS SOCIAIS

A importância de estudarmos este capítulo, deve-se pelo fato de toda aproximação entre pessoas, grupos, comunidades, etc., ser passível de análise e classificação, sob a ótica sociológica, enquadrando-os nos Processos Sociais.

Para compreendermos quais tipos e níveis de integração são propostas e trabalhadas, pelos setores de Educação Física das APAEs, aqui estudadas, teremos primeiramente que entender como o relacionamento entre aluno x aluno e aluno x comunidade podem ser classificados, desta maneira, utilizaremos, como embasamento teórico, os estudos sociológicos, que definem Processos Sociais como o "relacionamento pessoal, que um indivíduo, tem com a sociedade, indicando ainda o inter-relacionamento entre os dois". (Lakatos 1.992, p.77)

As formas de Processo Social segundo Lakatos (1.992, pp. 78 a 89), são:

1. Isolamento Social;
 2. Contato Social;
 3. Interação Social, que ocorre através da:
 - a) Comunicação;
 - b) Cooperação;
 - c) Competição;
 - d) Conflito;
 - e) Adaptação, acomodação e assimilação.
-
1. Isolamento Social: a falta de contato social, embora que no mundo atual, praticamente não exista isolamento absoluto, o que existe são variações no grau de isolamento. Assim comunidades isoladas significa que elas mantêm poucos contatos com outras comunidades. Podendo, ainda, este isolamento ser individual, isto é, do indivíduo dentro do seu grupo ou sociedade.

2. Contato Social: um aspecto primário e fundamental do Processo Social, pode ser entendido como a aproximação entre indivíduos que resultar na Interação Social. Esse contato pode se dar nos seguintes níveis:

- Contatos Diretos: Realizados face a face, sem intermediários.
- Contatos Indiretos: Realizados através de intermediários ou meios técnicos.
- Contatos Voluntários: Realizados pela própria vontade, sem coação.
- Contatos Involuntários: Que derivam da imposição de uma das partes.
- Contatos com o passado: Para a transmissão da herança social ou intercâmbio entre gerações.
- Contatos com o presente: Cujas finalidades, a de acolher idéias ou atitudes de outros grupos, dando origem a um processo de mobilidade e mudança.
- Contatos Primários: São pessoais, íntimos e espontâneos, um contato completo, envolvendo o emocional. Contatos Secundários: São formais, impessoais, racionais e calculados, geralmente superficiais, envolvendo apenas uma faceta da personalidade.
- Contatos de "Nosso Grupo": Fundamentados no fenômeno do etnocentrismo, com a super valorização da cultura e dos costumes. Neste tipo de Contato, os membros do grupo são conscientes de suas semelhanças e outros grupos são menosprezados, considerados estranhos, adversários ou até inimigos.
- Contatos Categóricos: Resultam da classificação que fazemos de uma pessoa desconhecida, baseado em sua aparência física, feições, etc., de acordo com as características atribuídas a ela pelo "Nosso Grupo". Ao mesmo tempo que é importante para sabermos como nos comportar diante de um estranho, pode gerar o preconceito social.

•Contatos Simpatéticos: São Contatos baseados em qualidades manifestadas pelos indivíduos e não em características de categorias. Todos os Contatos Primários são Simpatético, mas nem todos os Contatos Simpatéticos são Primários. No mundo moderno, nas sociedades complexas, há um número maior de Contatos Secundários e Categóricos, e os Contatos tendem a tornar-se cada vez mais superficiais.

3) Interação Social: Ação Social, envolvendo significados e expectativas, mutuamente orientada, de dois ou mais indivíduos em contato, ou seja, a reciprocidade de Ações Sociais. Para que haja Interação Social, necessário que ocorra um ou mais fatores sociais como segue:

A)- Comunicação: uma forma importante de interação, fundamental para o homem, enquanto ser social, e para a cultura. Ela pode dar-se através de:

- Expressões, traços fisionômicos, mímicas, etc.
- Sons inarticulados, baseados em emoções e inflexões de voz.
- Palavras e símbolos.

B)- Cooperação: Processo Social em que dois ou mais indivíduos ou grupos atuam em conjunto para a consecução de um objetivo comum requisito especial e indispensável para a manutenção e continuidade dos grupos e sociedades. A Cooperação, a Solidariedade Social em ações. A Cooperação pode ser:

- Temporária: Para resolver problemas imediatos e sem continuidade.
- Continua: Quando ocorre para resolver ou amenizar problemas contínuos.
- Direta: Os indivíduos ou grupos realizam tarefas semelhantes, podendo ser de trabalho associado ou suplementar.
- Indireta: Os indivíduos ou grupos realizam tarefas diferentes. A Cooperação surge, inevitavelmente, pelo fato de que nenhum indivíduo, auto-suficiente.

C)- **Competição:** a forma mais elementar e universal de Interação Social uma disputa, muitas vezes, contínua, inconsciente e impessoal. Elas se exercem, principalmente, com a finalidade de assegurar a consideração alheia ou de conquistar, aquilo que o indivíduo considera, "Melhores Condições de Vida".

D)- **Conflito:** uma contenda entre indivíduos ou grupos, pessoal e consciente, em que cada qual dos contendores almeja uma solução que exclui a desejada pelo adversário, surgindo aí a hostilidade. O Conflito pode apresentar-se de diversas maneiras:

- Rivalidade: Que Compreende ciúme e antagonismo.
- Debate: Controvérsia a respeito de pontos de vista.
- Discussão: Forma de Debate mais acalorada.
- Litígio: Demanda judicial entre partes contrárias.
- Contenda: Briga entre indivíduos ou grupos
- Guerra: Luta com armas entre nações ou partidos.

E)- **Adaptação, Acomodação e Assimilação:** São Processos que ocorrem medida que os indivíduos ou grupos interagem.

E1)- **Adaptação:** Refere-se ao Processo que o indivíduo sofre ao participar de um grupo ou o grupo da sociedade. Não significa necessariamente conformidade social. Esta Adaptação pode dar-se em três níveis:

- Biológico e psico-motor: Características físicas ou de hábitos.
- Nível Afetivo: Passar a gostar mais ou menos de outra pessoa em determinada situação.
- Nível de Pensamento: Quando as faculdades intelectuais se desenvolvem através da incorporação dos elementos da Cultura.

E2)- **Acomodação:** Refere-se a um Processo Social com o objetivo de diminuir o Conflito entre indivíduos ou grupos, reduzindo a tensão existente e encontrando um novo "modus vivendi" um ajustamento formal e externo, aparecendo apenas nos aspectos externos do comportamento, sendo pequena ou nula a mudança interna, relativa a valores, atitudes e significados.

As formas de Acomodação, são:

- **Coerção:** Através da ameaça ou do uso da força.
- **Compromisso:** As partes, em luta, possuem igual poder e chegam à Acomodação através de concessões mútuas.
- **Arbitragem:** Através de um árbitro ou mediador.
- **Tolerância:** Constitui o grau mínimo de Acomodação, pois não significa necessariamente a solução das divergências, mas uma maneira de impedir o Conflito manifesto.
- **Conciliação:** Forma consciente de acomodação, envolve mudança de sentimento com a diminuição da hostilidade.

E3)- **Assimilação:** Refere-se ao Processo Social em que os indivíduos ou grupos diferentes aceitam e adquirem padrões comportamentais, tradição, sentimentos e atitudes da outra parte um indício da Integração Social e ocorre, principalmente, nas populações que reúnem grupos diferentes . Os indivíduos assimilam-se entre si, partilham suas experiências e sua história, e participam de uma vida cultural comum. Fatores que influenciam o Processo de Assimilação, são:

- **Contatos Primários:** O Processo da Assimilação ocorre naturalmente quando, possível Contatos Primários, como por exemplo, nos grupos de amizade. Quando os Contatos são Indiretos e Superficiais, isto, Secundários, mais provável que ocorra a Acomodação.
- **Linguagem:** Uma linguagem comum ou bastante semelhante colabora na rapidez da assimilação, que importante para manter Contatos Primários, e também para a Comunicação, através desta que as atitudes, valores e sentimentos podem ser compartilhados e assimilados.

- Ausência de Caracteres Físicos Distintivos: A Assimilação, facilitada, quando os indivíduos se assemelham fisicamente entre si, sem qualquer característica física que aponte imediatamente como pertencentes ao "grupo alheio".

- Número e Concentração de Indivíduos: Quando um grupo portador de características específicas se estabelece em determinado local e em grande número, sua assimilação, mais difícil em virtude de que, o convívio entre si, reforçado. Ao contrário quando o número de indivíduo, menor, a convivência com a comunidade local, maior, facilitando o Processo de Assimilação.

- Prestígio da Cultura: Quanto mais prestígio uma determinada cultura possuir para o indivíduo imigrante, mais facilmente ocorrer a assimilação dele. Assim com os dados, acima descritos, percebemos que a melhorada integração social esta diretamente ligada aos processos sociais oferecidos ou escolhidos por determinado grupo ou indivíduo, sempre levando-se em consideração o momento histórico em que ocorre o fato. No próximo capítulo procuraremos abordar o tema Integração Social da Pessoa deficiente, de maneira histórico-crítica e classificá-la em níveis, segundo estudos apresentados por Ligia Assumpção Amaral.

Capítulo II

A INTEGRAÇÃO SOCIAL

1. A Integração da Pessoa Portadora de Deficiência Mental na Sociedade

Como vimos anteriormente o homem tende a se agrupar e interagir para facilitar a solução de seus problemas, mantendo esta coesão através de normas, valores e interesses comuns estabelecidos pelo grupo, porém, tudo que possa significar “perigo” para a permanência dos padrões aceitos é afastado, eliminado ou marginalizado podendo, este grupo, passar a aceitar este novo conceito através da mobilidade social e/ou cultural, sendo que podemos observar este fenômeno ao estudarmos as minorias sociais.

Neste trabalho vamos nos ater à minoria social representada pela categoria das Pessoas Portadoras de Deficiência Mental, sendo que para a Associação Americana de Retardo Mental, deficiência mental refere-se “às limitações essenciais no desempenho intelectual da pessoa, manifesta até os dezoito anos de idade, combinando funcionamento intelectual significativamente abaixo da média com limitações relacionadas à conduta adaptativa em duas ou mais das áreas seguintes: comunicação, cuidados pessoais, vida escolar, habilidades sociais, desempenho na comunidade, independência na locomoção saúde e segurança” Nunes e Ferreira, in Brasil (1.994, p.51), que se caracterizando uma subcategoria dentro da categoria das Pessoas Portadoras de Deficiências passaram, durante toda a história humana por situações, que variaram, dependendo da sociedade em que estivessem inseridos e do momento histórico em que se encontravam, de atitudes de aceitação, tolerância, apoio e assimilação; à outras de menosprezo, eliminação e destruição” Silva (1.987, p. 38), porém, percebemos que muito mais atitudes de “a morte e/ou humilhação marcaram o percurso das Pessoas com deficiência na história da Humanidade” (Amaral 1.995, p. 99). Assim é, que mesmo nos dias atuais, onde uma das preocupação, das Sociedades, para com as Pessoas Deficientes, dá-se no âmbito da Integração Social, fato este facilmente constatado pelo número cada vez maior de Leis, Estatutos, Declarações, Normas, Cartilhas, Programas, etc., criadas por Órgãos Governamentais, ou não pressionados por Grupos Organizados que lutam pelos direitos destas Pessoas, como exemplo muito significativo podemos citar a realização da “Conferência Mundial sobre Necessidades Especiais: Acesso e Qualidade” na cidade de Salamanca Espanha em junho de 1.994, patrocinada pela UNESCO, em que participaram noventa e dois países, que discutiram e aprovaram uma carta de intenções,

referentes à uma política de inclusão escolar que visa assegurar às pessoas portadoras de deficiência mental, atendimento educacional integrado aos alunos "normais", respeitando-se as diferenças individuais; contudo "De pouco adiantarão leis se, no seu bojo, não houver conscientização da comunidade para os benefícios da Integração". (Carvalho, 1.975, p. 10)

Todavia, "apesar de que pelos progressivos desenvolvimentos sociais nas últimas duas décadas tem significativamente aumentado o contato entre pessoas estigmatizadas e não estigmatizadas, esse contato, ainda basicamente é de uma natureza funcional ou profissional em vez de social, e raramente se dá em um nível de igual-para-igual." Gibbons in Glat (1.995, p. 15), então não basta assegurar leis ou aumentar o contato entre as pessoas, pois, "A Integração é um processo espontâneo e subjetivo, que envolve direta e pessoalmente o relacionamento entre seres humanos." GLAT (1.995, p.16), e o simples fato de estar ao lado de alguém, não significa que o compreendemos e o aceitamos sem discriminação.

Desta maneira, "Para integrar o deficiente à sociedade, precisamos primeiro entender o significado ou as representações que as pessoas tem sobre o deficiente, e como esse significado determina o tipo de relação que se estabelece com ele, pois é, no cenário das relações sociais interpessoais que se dá a apreensão do real, a construção do conhecimento, o desenvolvimento do homem, a construção da subjetividade e da própria sociedade." (GLAT 1.995, p.17). Mas, para que isto ocorra, é preciso que hajam profissionais ligados ao atendimento da Pessoa Portadora de Deficiência, sensíveis a esta linha de atuação, dispostos a realizar um trabalho de inclusão junto à grupos de pessoas "normais", pois, "A Integração pode ser facilitada pela proximidade física, interação social através de gestos, comunicação verbal, contatos físicos. assimilação, isto é, inclusão ativas dos deficientes nas atividades do grupo escolar e aceitação social caracterizada pela aprovação do portador de deficiência, pelo grupo." Carvalho (1.975, p.75), devendo haver para isto, "... um plano de Integração específico. Tais planos devem abordar a necessidade de pessoal especializado para explorar os questionamentos e desenvolver uma filosofia e um processo para a integração, a determinação real dos recursos disponíveis e necessários, e todas as pessoas envolvidas", Halburg et alii (1.994, p. 270), sendo que deve-se levar em consideração o desejo dos participantes.

Desta forma, a Integração não só entendida como “um processo que implica em ações interativas, exercidas com reciprocidade entre duas ou mais pessoas ou instituições.” Educação Especial no Brasil (1.994, p.10), mas como o “estar junto de, não separar, não segregar... refletindo a Integração como oposição à segregação...” Amaral (1.995, p. 101), é que entendemos a integração como um processo que se dá em níveis, segundo Ligia Assumpção Amaral e para melhor compreendermos esses níveis passamos, em seguida, a descrevê-los:

Primeiro nível - É o da Integração física, quando existe a proximidade entre o deficiente e o não deficiente, com a preocupação tão somente de reduzir a distância física ou a ocupação do mesmo espaço, podendo ser diminuído o preconceito, pois, “o estranho, o inesperado, o diferente, o excepcional, sempre chama a atenção e causa nas pessoas reações como curiosidade, espanto, surpresa, repulsão e até mesmo medo.” Glat (1.995, p.19), e neste caso, a proximidade entre as pessoas diminui esta ansiedade causada pelo “diferente”, porém, esta mesma proximidade sem outras preocupações além da redução da distância física ou a ocupação do mesmo espaço entre pessoas com e sem deficiência, ao não se garantir uma efetiva troca entre elas pode contrariamente ao “desejado”, fortalecer o estigma e justificar uma segregação de caráter menos explícita, mas nem por isso menos prejudicial. Digamos, então, que tornar visível pode ser pensado como o primeiro e necessário passo no caminho da Integração, porém, não o suficiente.

Segundo nível - É o da Integração funcional, em que as pessoas deficientes ou não tem uma atividade comum, malgrado estejam-se utilizando de estratégias e equipamentos diferentes ou desenvolvendo essas atividades em ritmos, formas e níveis de precisão também diferentes.

Terceiro nível - É o da Integração social stricto sensu, em que existe uma redução da distância interpessoal, pois pressupõe, exatamente, a comunicação entre as partes envolvidas e, em consequência, viabiliza uma real interação, diminuindo o eventual sentimento de isolamento por parte da pessoa deficiente e tendo como característica a reciprocidade. Porém, a comunicação estabelecida, pode não ser a mais “desejada”, ou seja, o fato de haver comunicação não implica automaticamente em igualdade de oportunidades, uma vez que a mesma pode se estabelecer em caráter estritamente vertical preconceituoso de superioridade do não deficiente em relação ao deficiente.

Quarto nível - É o da Integração social lato sensu, sendo o nível mais avançado de Integração social em que é necessário uma vontade política que, através do desenvolvimento de sistemas de apoio da comunidade planejado e construídos de forma sistemática, a partir das diferentes esferas públicas e privadas, pode real e efetivamente abrir as portas de acesso aos recursos sociais. Fazem parte desse planejamento, as ações que visem eliminar ou redimensionar os obstáculos a esse acesso à comunidade social: legislação, investimentos econômicos, para otimização de serviços de habilitação e reabilitação, eliminação de barreiras arquitetônicas, reciclagem profissional, enfrentamento de barreiras atitudinais..., apenas para citar algumas ações possíveis

Neste contexto, a Integração pode ser entendida como “um processo de incorporar física e socialmente dentro da sociedade as pessoas que estão segregadas e separadas de nós. Significa ser membro ativo da comunidade, vivendo onde outros vivem, vivendo com os outros e tendo os mesmos privilégios e direitos que os cidadãos não deficientes” Lorenzo in Carvalho (1.985, p. 9), porém, o que se observa é uma dificuldade muito grande, encontrada pela sociedade, em se desfazer de seus preconceitos que levam à estereótipos negativos, em relação as Pessoas Portadoras de Deficiências, mesmo com todos os avanços tecnológicos alcançados pela Humanidade e a existência de inúmeras Instituições e Associações com este objetivo integrativo, o que nos leva a refletir se, somente, o atendimento das pessoas portadoras de deficiência mental por instituição especial, é o suficiente para integrá-las à comunidade em que vivem.

“Tristes tempos os nossos ! É mais fácil desintegrar um átomo, do que um preconceito.” (Albert Einstein)

2. O Atendimento da Pessoa Portadora de Deficiência Mental pela Sociedade Brasileira

No Brasil, o atendimento à pessoa portadora de deficiência mental, iniciou-se em 1.874 com criação do Hospital Psiquiátrico da Bahia, sendo que a expansão da Educação Especial ao deficiente criação, em 1932, da Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais e com a rápida multiplicação desta entidade pelo Brasil, em 1.971 foi fundada a Federação Nacional das Sociedades Pestalozzi do Brasil. Outro marco histórico, deu-se em 1.954 com a criação da Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), no Rio de Janeiro, Bueno (1.993 p.p. 93,94), que também teve rápido crescimento no número destas Entidades, de tal forma, que “É o maior movimento filantrópico do país e o segundo do mundo, possuindo, até 1.991, 765 Instituições filiadas e quase 210 em processo de filiação.” Federação Nacional das APAEs (1.991, p.7), conjuntamente a estes fatos inúmeras clínicas, escolas, Instituições com características filantrópico-assistencial-privadas de atendimento à criança portadora de deficiência mental, foram aparecendo e prevalecendo em número sobre as públicas.(Bueno ,1.993, p. 88,89).

Assim é que a rede pública de ensino começou a preocupar-se com o aluno deficiente mental, com a criação, no Rio de Janeiro, do Laboratório de psicologia pedagógica, que pregava a eugenia através da regeneração física e psíquica Bueno (1.993, p.88), e outros centros de pesquisa e estudos sobre dificuldades no aprendizado foram criados, sempre reforçando a necessidade de atendimento especial ou por Instituições fechadas, ou o encaminhamento destes alunos para classes especiais, sendo que neste último caso, contribuiu para o acobertamento das reais determinações para o fracasso escolar por parte das crianças dessas camadas, na medida em que a maioria das crianças encaminhadas para este atendimento, não eram de deficientes mentais, e sim de desajustados sociais que a escola não conseguia trabalhar (Bueno, 1.993, p.p. 93, 94, 95). Se até 1.970 o ensino público mantinha algumas classes especiais, a partir da década de 70, foram criados os Serviços de Educação Especial em todas as secretarias Estaduais de Educação, ampliando muito o número de atendimento à criança com deficiência mental, mas ainda, pequeno tanto em relação à demanda, como em relação ao número de atendimentos oferecidos pela rede privada Bueno (1.993, p. 96), permanecendo o quadro inalterado até hoje, o que nos faz pensar “Onde estão elas? Nos quartos dos fundos das casas? Institucionalizadas ? Nos quintais cercados por altos muros?...” (Silva, 1.987 p. 284).

Nos dias atuais questiona-se o atendimento educacional à criança deficiente mental em escolas especiais, pois "A educação especial que nasce sob a bandeira de ampliação de oportunidades educacionais aos que fogem da normalidade, na medida em que não desvela os determinantes sócio-econômico-culturais que subjazem as dificuldades de Integração do aluno diferente, na escola e na sociedade, serve de instrumento para a legitimação de sua segregação." (Bueno, 1.993,p.99).

Desta forma, vários segmentos da sociedade atual, manifestam-se a favor de uma escola que integre todos os alunos, sem a formação de classes especiais, a menos que hajam razões convincentes para o contrário Declaração de Salamanca (1.994, p.10), não bastando "...Colocar o aluno portador de deficiência na sala de aula simplesmente pela inserção, envolve a inclusão, a participação, a parceria e principalmente a reciprocidade." (Carvalho, 1.993, pp. 31, 94)

Contudo, embora o mote da política educacional, para a criança deficiente mental, aponte para sua inclusão em turmas comuns, o que vem sendo feito por algumas administrações públicas municipais, com tendência a se ampliar cada vez mais, a existência das Instituições Especiais, ainda se faz necessário, pois "Não podemos, simplesmente, igualar tudo, como se todos os portadores de deficiência, num passe de mágica, de repente, passassem a não mais necessitar de apoio e de auxílios e serviços especiais para que sua educação escolar aconteça." (Mazzota, 1.993, p.14).

Entrevistas

1. Apresentação das Entrevistas

Para a realização da Pesquisa, junto a três das APAEs do Grande ABC, utilizamos como metodologia Entrevista aberta, que facilitasse a exposição das idéias dos entrevistados, pois “Na medida em que houver um clima de estímulo e de aceitação mútua, as informações fluirão de maneira notável e autêntica.” Ludke e André (1.986, p. 34), assim é, que partimos de uma única pergunta: “Quais os objetivos do setor?”, para os professores de Educação Física e “Quais os objetivos da Entidade?”, para as coordenadoras técnicas da instituição, o que passava a desencadear o restante das perguntas, percebemos grande receptividade por parte dos profissionais, que ansiavam por expor as suas idéias, embora o tempo das entrevistas fosse curto, motivado pelo trabalho dos profissionais nas Entidades, e também a divagação, principalmente por parte dos professores de Educação Física, que dificultava em alguns momentos a retomada do ponto principal da entrevista que era o de levantar, qual trabalho era feito pelo setor visando a “Integração do alunos”.

A estratégia utilizada por nós, visava extrair informações que poderiam não aparecer ou serem modificadas numa entrevista fechada ou questionário, não talvez pelo fato de ser uma omissão explícita, ou uma mentira pré pensada, mas por vontade de que o fato adulterado, fosse verdade.

Ressaltamos que na entrevista dos anexos 01 e 02, as coordenadoras técnicas procuravam ser mais formais e incisivas nas respostas, sendo que no anexo 01 a coordenadora técnica foi tornando-se no transcorrer da entrevista cada vez mais enfática. Já no anexo 03, a coordenadora técnica foi mais solta e tranqüila, procurando documentar as respostas por ela dada. Assim é que todas as entrevistadas demonstraram segurança e conhecimento dos fatos por elas abordados, chegando algumas vezes a nos parecer mecânica, as respostas.

Quanto aos professores de Educação Física, pareceu-nos que a dificuldade era em entender o termo “Integração dos alunos”, isto nos ficou patente na entrevista dos anexos 04 e 06, que divagavam durante boa parte da entrevista, já o entrevistado do anexo 05, demonstrou segurança e uma certa agressividade ao falar.

Por fim, salientamos que as entrevistas foram realizadas num dado momento, com alguns profissionais de três instituições diferentes, de maneira, que não podemos generalizar e nem garantir que as entrevistas refletiram a única realidade que aconteceu dentro destas instituições, pois não realizamos o acompanhamento do trabalho em quadra, para nós serviram apenas, como início para uma discussão maior que, ainda está por vir.

2. Análise das Entrevistas

Ao analisarmos as entrevistas, embasadas na teoria anteriormente estudada nesta monografia, observamos que:

1- A entrevista do anexo 01, junto à coordenadora técnica, nos mostra que, a preocupação em integrar socialmente o aluno é somente em relação as “crianças maiores” e menos comprometidas, assumindo que a Instituição é segregadora, pois integra os “iguais” e não os “diferentes”, e diz que as olimpíadas especiais são importantes, se seguirmos sua linha de raciocínio, talvez seja pelo fato de integrar os “iguais”, e quanto a um trabalho junto à comunidade, diz não ser sua responsabilidade, pois é ela (a sociedade) quem deve procurar integrar as pessoas deficientes.

2- A entrevista do anexo 02, junto à coordenadora técnica demonstra que, existe uma preocupação em “Integrar a criança à sociedade”, através do seu ajustamento a esta sociedade, porém, não se preocupa em atuar junto à comunidade em trabalhos integrados, sendo que o contato com a comunidade é vertical, ou seja, em forma de palestras. Diz ainda, que muitas crianças que freqüentam classes especiais, deveriam estar em APAEs, enquanto os estudos demonstram exatamente o contrário, ou seja, crianças de APAEs e de classes especiais deveriam estar em classes comuns Bueno (1.975, p. 91), diz também que a Educação Física é um dos setores mais importantes, pois trabalha a socialização do aluno, através das Olimpíadas Especiais.

3- A entrevista do anexo 03, junto à coordenadora técnica, apresenta uma preocupação em integrar o aluno à sua família e à sociedade, com preocupação centrada em torná-lo autônomo e produtivo, procura também fazer o caminho inverso, ou seja, encaminhar crianças por eles atendidos, para classes comuns, e ressalta a importância da Educação Física, por nela ser encontrada uma ligação com o afetivo e o social.

4- A entrevista do anexo 04 , junto ao professor de Educação Física, apresenta uma preocupação em prepará-los para a vida na sociedade, porém, toda integração é realizada dentro da instituição ou com outras instituições especiais, ou participando em torneios especiais, ressalta, acredita que a instituição é mais "integradora" e menos "segregadora".

5- Entrevista do anexo 05, junto ao professor de Educação Física, demonstra que a preocupação do Professor é a de transmitir conhecimentos específicos de modalidades esportivas para que seus alunos possam jogar na comunidade em que vivem, adaptando-os a situações de jogo, onde o vencer é o mais importante, pois na visão do professor "lá fora é assim". Ele também não realiza jogos contra escolas "comuns", pois acredita que expõe o aluno, jogando, neste caso, somente com a equipe principal, que é vice campeã mundial, entre outros títulos. Na ânsia de ganhar, vale tudo, em sua opinião.

6- Entrevista do anexo 06, junto ao professor de Educação Física, mostra uma preocupação em trabalhar seus alunos integrados à comunidade, porém poucos eventos são realizados com a comunidade, acredita também, que as Olimpíadas podem ser utilizadas como um momento rico em oportunidades de Integração, mas ressalta que muitos colegas "vão para bagunçar". Por fim, realiza jogos internos que servem como peneira para montar as equipes que participam das Olimpíadas Especiais.

Conclusão

Embora, o universo pesquisado seja pequeno, somente três APAEs pesquisadas, se comparado ao número de APAEs existentes, centenas espalhadas pelo território nacional, que o nosso objetivo não é o de criticar negativamente uma instituição historicamente importante como esta, se levarmos em consideração o Estatuto da Federação Nacional das APAEs, de 10 de novembro de 1.962, onde o termo "Integração" não existe, sendo que no art. 3º, que dita os "fins da Federação", lê-se: "a) promover medidas de âmbito nacional que visem a assegurar o ajustamento e o bem estar dos excepcionais, onde a atuação do Estado não se operar de forma plena", o que pode ter várias conotações filosóficas de atuação, dependendo de como se queira interpretar esta meta, porém, nos dias atuais em que se levanta a questão da Integração Social das minorias, onde a categoria das pessoas deficientes se incluem, torna-se relevante que uma Instituição, como foi dito anteriormente, historicamente importante, seja estudada, sob vários ângulos, para que possa, através da análise destes estudos, realizar um trabalho direcionado à Integração Social, mais efetiva de seus alunos para atender cada vez melhor esta faixa da população tão carente das mais variadas formas, inclusive, do convívio e aceitação social.

Assim é que, ao observarmos através de análise das entrevistas, junto aos profissionais da área de Educação Física que o termo "Integração dos alunos", referentes as entrevistas, que compõem os anexos 04, 05, 06, mostra que o objetivo do setor de Educação Física e sua prática, assim são entendidos pelo professor do anexo 04, como "prepará-los para a vida" pressupondo uma maneira ampla de atuação, pois a "vida" não se restringe as quatro paredes da entidade, porém em 1 ano e 7 meses trabalhados na Instituição, nunca promovem uma atividade comunitária integrada, sendo que o professor reconhece que tem condições de realizar este trabalho mais amplo.

Pelo professor do anexo 05, como "preparar o aluno através do esporte convencional, para que se possa jogar na comunidade em que vive, normalizar o aluno". Desta vez, o professor compreende o princípio da normalização, como sendo o de levar o aluno a se adaptar as condições "normais" sem respeito as suas diferenças, limitações, ritmo, etc.

Assim é, que só consegue uma "pseudo" integração dos alunos com comprometimentos mais leves, o que faz com que uma pequena elite dentro da instituição tenha oportunidade de se interrelacionar com outras crianças dentro do momento da Educação Física, cabe ainda salientar que esta maneira de encarar o esporte como fim, ou seja, ganhar é o mais importante, não contribui para a melhora do nível de integração entre os alunos, podendo gerar uma estratificação interna, ou seja, o grupo que forma a equipe esportiva "nosso grupo" e os "outros", ou ainda, em momentos de jogo, podendo chegar ao conflito, pois justifica-se dizendo que "ganhar é o mais importante" e que "lá fora é assim", esquecendo-se de trabalhar a cooperação de forma mais ampla, que pode ser entendida como a solidariedade social em ação. (Lakatos, 1.995, p.84)

Pelo professor do anexo 06, como "Propiciar ao aluno, convívio social e respeito as suas limitações", porém durante todo o ano de 95 não foram realizadas nenhuma atividade, pelo setor de Educação Física, junto à comunidade, não tendo explicação do professor para que não ocorressem tais eventos.

Concluimos que, embora o universo pesquisado seja pequeno, a pesquisa não teve acompanhamento das aulas e as entrevistas refletiram somente a realidade de um dado momento, não existe coerência entre discurso e prática dos professores entrevistados, necessitando contudo, de estudos mais profundos para aferir-se com maior precisão, o porque desta incoerência e se esta situação acontece em outras APAEs.

Por fim, salientamos que se nos dias atuais em que é "...mais fácil desintegrar um átomo do que um preconceito" (Albert Einstein), cabe a nós, profissionais da Educação Física Adaptada, optarmos filosoficamente como proceder, colaborando para a manutenção do "Status quo", ou seja, de segregação, isolamento, preconceito, etc., dos nossos alunos perante a sociedade, ou atuar através de uma práxis pedagógica transformadora, ou seja, de integração social ampla, incluindo nossos alunos em grupos de "não deficientes" e assegurando sua permanência, através de informação, conscientização, participação, debate, etc., junto às comunidades trabalhadas, e não termos medo ou vergonha de apresentar nossos alunos à comunidade em que vivem, sempre de maneira planejada, intencional e sistematizada para que o "diferente" seja encarado de forma mais natural, sem espanto, medo, repulsão, etc., e deixe de ser tão "diferente", pois "uma pessoa só é deficiente, se assim for considerado pelos demais". (Glat, 1.995, p. 28)

"O Professor deve ser capaz de se conceber como agente de mudanças do contexto social, já que seu papel profissional extrapola o de mero repassador de conhecimentos para se transformar, sobretudo, em formador de cidadãos. Ensinar é, sem dúvida, um ato político." (Educação Especial no Brasil, 1.994)

E termino com estes versos, que nos mostram que não devemos sentar e esperar o bonde passar:

“Vem, vamos embora

Que esperar, não é saber

Quem sabe faz a hora

Não espera acontecer...”

(Geraldo Vandré)

Bibliografia

Alves, Rubem. Estórias de quem gosta de ensinar.
SP, Ed. Autores Associados, 1.988

Amaral, Lígia Assumpção. Conhecendo a Deficiência.
SP, Robe Editorial, 1.995

Andrade, Silas Rodrigues. Revista Integração.
DF, Revista Integração, DF, MED-SEE, n. 11, 1.994

Bueno, José Geraldo Silveira. Educação Especial. Alguns Marcos Históricos.
SP, EDUC, 1.993

Brasil. Secretaria de Educação Especial, Tendências e Desafios da Educação Especial. Organizadora Eunice N. L. Seriano de Alencar.
Brasília: SEESP, 1.994

Calendário 91, Federação Nacional das APAEs.
Brasília, 1.991

Carvalho, Rosita Edler. Revista Vivência.
SC, 1.993

Dallari, Dalmo de Abreu et alii. Direitos Humanos no Brasil.
Conferências para Educadores, SP, MPA, 1.986

Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais.
Brasília, CORDE, 1.994

Delorenzoz, A . Neto. Sociologia Aplicada à Educação.
S.P., EPU - 1.977

Educação Especial no Brasil.
Brasília, MEC - SEESP, 1.994.

Estatuto da Federação Nacional das APAEs.
Brasília, 1.962

Gadotti, Moacyr. Pensamento Pedagógico Brasileiro.
SP, Ed. Autores Associados, 1.988

Glat, Rosana. Questões Atuais em Educação Especial: A Integração Social dos
Portadores de Deficiências: Uma Reflexão.
RJ, Vol. I, Sette Letras, 1.995

Halburgo et alii. Revista Sprint.
RJ, nov./dez, 1.994

Jornal da APAE de Santo André, SP, n. 04, 05, 06, 07, 08, 09,10, 11,
SP,Impressão Gazeta da Lapa, 1.995/1.996

Lakatos, Eva Maria. Sociologia Geral.
SP, Atlas, 1.990

Ludke, Menga e André, Marli E. D. A . Pesquisa em Educação: Abordagens
Qualitativas
SP, EPU, 1.986

Mazzota, Marcos José da Silveira. Revista Vivência.
SC, 1.993

Mizukami, Maria da Graça Nicoletti. Ensino: As Abordagens do Processo.
SP, EPU, 1.986

Revista comemorativa, APAE de Santo André 21 anos de Serviços.
SP, Imprensa Diário do Grande ABC, 1.985

Saviani, Demerval. Educação: do Senso Comum à Consciência Filosófica.
SP, Ed. Autores Associados, 1.991

Stein. Revista Sprint.
RJ, Novembro/Dezembro, 1.994

Walfred, A. Anderson et alii. Uma Introdução à Sociologia
RJ, Zahar, 1.974

ANEXO 1

ENTREVISTA 01

Entrevistada: Coordenadora Pedagógica

Tempo de trabalho nesta Entidade: 06 anos

Pergunta: **Quais os Objetivos da Entidade ?**

Resposta: **Habilitar e reabilitar as crianças deficientes, atuando desde o “teste do pezinho”, passando pelo tratamento laboratorial, palestras para a população, escolarização. Temos, também, trabalho com estimulação precoce.**

Pergunta: **Existe uma política para a Integração dos Alunos ?**

Resposta: **Somente com as crianças maiores , que realizamos algum trabalho de Integração à sociedade. Esta estória de “Integrar” é bom para discurso, pois na prática, sabemos que, a Instituição é segregadora. Ela só faz Integração entre os “iguais” e não entre os “diferentes”. Acredito que a Integração só ocorra com deficientes leves. A sociedade não aceita os mais comprometidos. É a sociedade quem deve Integrar.**

Pergunta: **A Entidade participa das Olimpíadas Especiais?**

Resposta: **Não. Não tenho confiança, ainda, nos Professores. Tivemos Professores que não souberam aproveitar a oportunidade e confundiram liberdade com libertinagem.**

Pergunta: **Então, a Entidade, não participará mais das Olimpíadas ?**

Resposta: **Só quando tiver confiança nos Professores. Parece que estes aí, são bons, vamos ver mais para frente.**

Pergunta: **Jogos Especiais Integram ?**

Resposta: **Como eu disse, Integrar os “iguais” é possível, e isto eu acredito que esses jogos fazem.**

Pergunta: **E atividades com a Comunidade ?**

Resposta: **Eu já falei, a população aí fora, não aceita, é muito difícil.**

ANEXO 2

ENTREVISTA 02

Entrevistada: Coordenadora Pedagógica

Tempo de trabalho nesta Entidade: 15 anos

Pergunta: **Quais os objetivos da Entidade?**

Resposta: **Integrar as crianças na sociedade e prepará-la para a vida, através da educação, formar a criança, criando hábitos de educação, atitude, comportamento e profissionalizar.**

Pergunta: **Como se dá a Integração destes alunos?**

Resposta: **Através de intercâmbio entre as APAEs.**

Pergunta: **Existe trabalho com a comunidade?**

Resposta: **Realizamos a Campanha de prevenção da excepcionalidade através de palestras em escolas, entidades, UBS. O que se vê é que muitas crianças que hoje estão em classes especiais deveriam estar nas APAEs.**

Pergunta: **Mas, vocês participam de atividades com a Comunidade ?**

Resposta: **Não é comum nossa participação, pois não somos convidados.**

Pergunta: **E o que você acha do setor de Educação Física?**

Resposta: **A Educação Física, um dos setores mais importantes, pois além do preparo físico, é trabalhada a sociabilidade do aluno. Também prepara o aluno para as olimpíadas que são importantes para a sua Integração Social.**

ANEXO 3

ENTREVISTA 03

Entrevistada: Coordenadora Pedagógica

Tempo de trabalho nesta Entidade: 19 anos

Pergunta: **Quais os objetivos da APAE?**

Resposta: **Reabilitar e integrar o portador de deficiência, resgatar e desenvolver o potencial do aluno, estimular recém-nascidos, levar o aluno a ser produtivo e ser integrado à família e a sociedade.**

Pergunta: **A senhora fala de um ser “produtivo” e “integrado”, como é assegurada esta proposta?**

Resposta: **Para os mais comprometidos procurando dar mais independência a ele para ocupar menos os familiares e ser até útil dentro de casa. Os que tem condições de ir para o mercado de trabalho dar a ele condições para isso, através da profissionalização. Sabemos que nem sempre ter carteira assinada e as vezes até trabalhar como autônomo, fazendo seu próprio material de venda. Hoje a APAE atende menos os leves e os limítrofes. O atendimento preferencial é para os mais comprometidos.**

Pergunta: **Sobre Integração dos alunos, o que a senhora tem a dizer?**

Resposta: **Realizamos atividades internas, principalmente organizadas pelos professores de Educação Física, participamos de jogos especiais, olimpíadas, festivais com a comunidade, passeios em indústrias, passeios em locais para o lazer.**

Pergunta: **A senhora falou dos Professores de Educação Física, diga mais algumas coisas deste setor.**

Resposta: **Bem, é a aula mais concorrida, acho que é pela ligação afetiva social. Ainda, quero dizer que, procuramos encaminhar alunos em condições para a escola comum, em 94, foram encaminhadas 17 crianças.**

ANEXO 4

ENTREVISTA 04

data: 12/08/95

Tempo de serviço na Entidade - 1 ano e 7 meses

Pergunta: **Quais os objetivos do setor?**

Professor: **Prepará-los para a vida na sociedade, integrá-los na sociedade.**

Pergunta: **Como são as aulas?**

Professor: **Trabalho mais com música, acho que elas ficam mais calmas.**

Pergunta: **Realizam jogos? Com quem?**

Professor: **Quem trabalha mais jogos , o professor da manhã, nós jogamos com outras escolas especiais e torneios internos.**

Pergunta: **Participam das olimpíadas?**

Professor: **Não participamos, mas acho que deveríamos. As crianças dizem que gostariam.**

Pergunta: **Vocês realizam atividades com a comunidade?**

Professor: **Como assim?**

Pergunta: **Vocês realizam atividades que podem ser festivais, apresentações, passeios, jogos com escolas comuns, clubes, etc.?**

Professor: **Não, mas não sei porque. Acho que até dá, não pensei no assunto.**

Pergunta: **Como vocês trabalham as regras dos jogos?**

Professor: **Elas são oficiais, acho que , igual nas escolas do Estado.**

Pergunta: Quanto à questão do “ganhar” que envolve as competições, como vocês trabalham o “ganhar” e “não ganhar”?

Professor: Conversamos com os alunos e falamos que o importante é estar participando, jogando com outros colegas, isto é importante para que não haja frustração.

Pergunta: Você acha que integra socialmente o seu aluno?

Professor: Acho que sim, a Entidade é mais Integração e menos Segregação.

ANEXO 5

ENTREVISTA 05

data: 09/08/95

Tempo de serviço na Entidade 11 anos

Pergunta: **Quais os objetivos do setor?**

Professor: **Preparar o aluno através do esporte convencional, para que possa jogar na comunidade em que vive, normalizar o aluno.**

Pergunta: **Como é essa normalização?**

Professor: **O aluno tem potencial, precisa ser estimulado, as regras não devem ser adaptadas, eles aprendem a jogar como uma criança "normal".**

Pergunta: **Vocês participam das Olimpíadas?**

Professor: **Sim. Somos Penta campeões das Olimpíadas Estadual, Bi campeões das Olimpíadas Nacional, Bi campeões Paulista, Bi campeões Brasileiros, Vice campeões Mundial. Tudo isso no basquete.**

Pergunta: **Vocês jogam com alunos de escola comum?**

Professor: **Só com a equipe principal.**

Pergunta: **Pôr que?**

Professor: **Porque expõe o aluno.**

Pergunta: **Como você trabalha a questão da premiação?**

Professor: **Eu falo para os alunos que ganhar é o mais importante, pois até fora é assim.**

Pergunta: Diga, como você resolve, com seus alunos, uma situação de jogo em que sua equipe esta perdendo?

Professor: Eu peço "tempo" e digo a eles que têm que virar o jogo de qualquer jeito, chantageio se for preciso, no final dá resultado.

Pergunta: E a integração, como você vê?

Professor: Acredito na Integração entre alunos deficientes, o resto é balela.

ANEXO 6

ENTREVISTA 06

data: 13/09/95

Tempo de serviço na Entidade 5 anos

Professor: **Propiciar ao aluno convívio social e respeito a suas limitações.**

Pergunta: **Você participa das Olimpíadas?**

Professor: **Sim.**

Pergunta: **Você acha que os jogos especiais integram?**

Professor: **Acho que depende da postura do professor, tem muitos que vão para bagunçar, aí coitados dos alunos, nós aqui, sempre pensamos nos alunos.**

Pergunta: **Vocês participam de atividades com a comunidade?**

Professor: **Sim, já participamos dos jogos escolares, fazemos jogos internos com a participação da família. Estes jogos até servem como peneira para as Olimpíadas. Mas não é o mais importante.**

Pergunta: **Este ano, quais eventos com a comunidade que foram feitos?**

Professor: **Este ano nenhum. Não sei porque.**